

FIM DE FESTIVAL

Todo fim é triste. O fim de uma festa é tão triste como o fim de uma tragédia. Ninguém deseja a chegada daquele momento, que indiscutivelmente chega sem se anunciar. Tudo que era então alegria, transformou-se de instante num momento de tristeza, quando anunciou-se a sessão solene de encerramento deste II Festival. A tristeza para todos aqueles que durante cinco dias tinham estado juntos, num teatro, nos três turnos, discutindo e trocando idéias, defendendo teses e filmando pequenos grupos, tinha-se apresentado de véspera. O inesperado tinha acontecido.

Quando chegamos ao saguão do Teatro José de Alencar, na aquela última noite de festival, a alegria contagiante existente até poucas horas passadas estava ausente. A boa amiga Léa, representante das alterosas, apresentava-se num mutismo, querendo demonstrar um outro estado de espírito, no qual não conseguia chegar. Aquela turma alegre manauara, responsável por bons momentos, parecia querer fugir das despedidas. Pisky era calado, enquanto a turma da Bahia, fugia para a sessão "avant-première" do São Luiz, tentando assim transferir por mais alguns instantes o final. O adeus sem colegas, amigos quase irmãos, numa tentativa de escapar a responsabilidade pelo que cativaram.

Foi um silêncio quase que geral que aquela gente participante da VI Jornada, deslucou-se até o cine São Luiz para assistir o último filme de longa metragem, juntos quase sem se conhecerem, tão grande o silêncio. Observava tudo aquilo, mas não conseguia entender. Não entendia Léa com olhos vermelhos, Palmira e Isabel, fugindo dos adeus e abraços, enquanto Amália e Lúcia Helena pareciam nada entender do que estava acontecendo. Eusélio, o grande batalhador o responsável por tudo aquilo, tinha fugido, não quis ver o fim daquilo, tão grandioso, daquele mundo particular e irmão de tanta afinidade, unindo um Brasil no Estudo de um problema.

A delegação do Ceará escondia atrás dos sorrisos a máscara negra da saudade de ver que tanta gente ia partir e novamente começaria a luta sem... a Bahia, o Recife, o Amazonas, São Paulo, etc. No São Luiz, posso ter escutado demais, entretanto ouvi sussurros de tristeza, de descobertas, de grande encontros. Até a descoberta de jornalistas.

tas do "Diário de Pernambuco" com "Gazeta de Notícias" esse sim, fizeram longas reportagens de amor e de saudade na terra de Iracema, e parece que até a inspiração de Alencar arrancou do vislante poesias e versos de adeus.

A Conceição no último dia já recitava o "Pequeno Príncipe" e vasculava se "êle" surgia da Bahia ou do Recife. Falava em fazer cinema, em trabalhar pela VII Jornada, enfim a "pequeninha" ficou bem grande, juntamente com a Margarida que foi precisa em afirmar que "a Jornada havia marcado a vida do Ceará jovem".

Dos marmanjos notamos LUTA E AMIZADE. Antonio Maria era o "quebra-galho oficial" corria daqui e dali e ainda tinha tempo para olhar a turma feminina de SP. Todos eles fugiam das despedidas e planejavam o 1968, onde novamente entraria em contactos com toda aquela gente boa do Festival. Notei algum dando autógrafo carinhoso e dizendo a todo instante que, os Conclavos não poderiam parar ali.

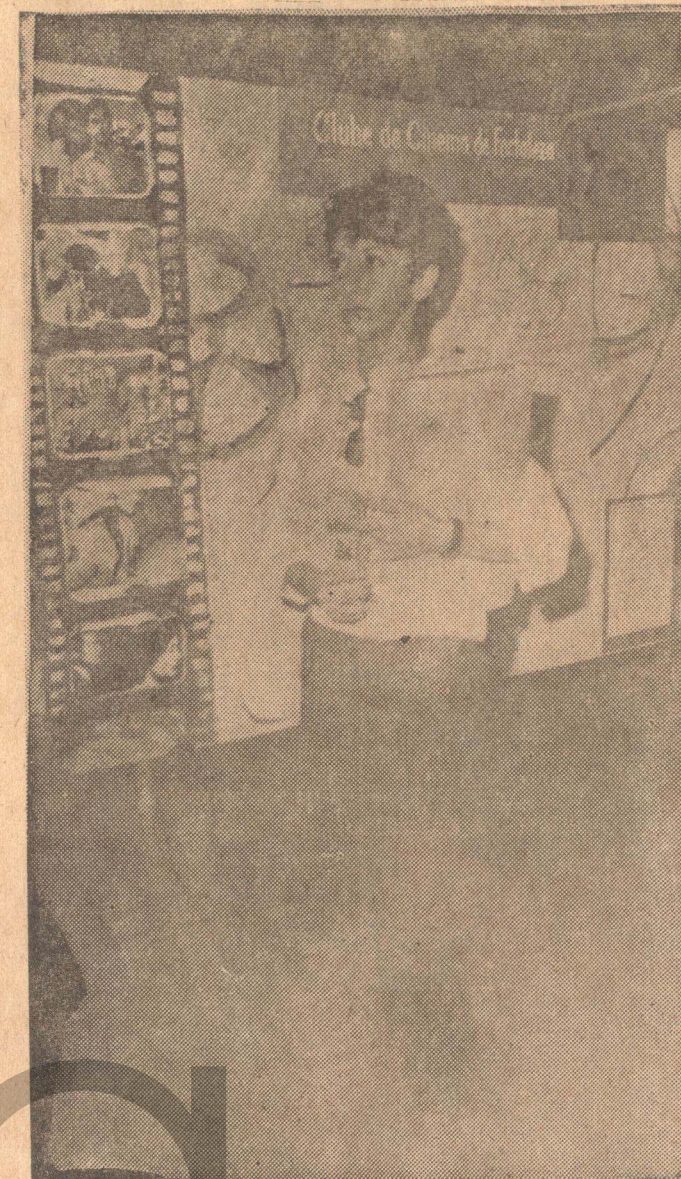
Quanta gente... quanta descoberta... quanta saudade... num encontro sério, onde se planejava principalmente a necessidade do cinema nas nossas escolas. Onde se via que a juventude conhecia as verdadeiras dimensões da arte e que quer usá-la para o engrandecimento de nossa cultura.

O Amazonas, então, entrou "de cheio" no cinema. Márcio era o contente, o homem que nascia para a literatura e o cinema e se revelava.

O Felipe, o Roberto e o Marinho, não paravam de pensar na VIII Jornada a ter lugar em Manaus patrocinada pelo cine-clube PRODEMO, entre uma palavra de saudade e outra de alegria, diziam que mostraria ao Brasil Jovem os mistérios do Amazonas. O Marinho, começou desde agora a mostrar que tem grandes planos principalmente de reencontrar a índia Yaci nas águas da saudade de um sonho distante.

E a turma da Bahia, tinha olhos tristes e vasculava se voltaria para o porto ou se permanecia no Ceará.

Assim surgiu a manhã do dia 24 onde o mar e o teatro José de Alencar guardavam as mias belas recordações de um II Festival e de uma VI Jornada Nacional de Cineclubes. Francamente, na minha vida de tantos congressos, nunca tinha visto choro, sim amigos, vi gente chorar.



LÉA FOI O PONTO ALTO

Representando Minas Gerais a talentosa Léa Paixão desempenhou papel importantíssimo na defesa intransigente do cinema como meio educacional moderno de maior rentabilidade. Muito simpática e sempre sorrindo, numa maneira extraordinária de fazer amizades, Léa tornou-se o centro das atenções dos que participaram desta VI Jornada, que marcou de modo especial, a integração da juventude no cineclubismo nacional.

"A BELEZA DE DUDA", muitos já decantaram a beleza deste fenômeno, que como Brigitte agitou também a França. Agora voltou a sua terra natal (Brasil) e ganha manchetes em todas as revistas numa demonstração de quanto o brasileiro lhe admira.

FOTO-CINE CLUBE

"A BELEZA DE DUDA", muitos já decantaram a beleza França. Agora voltou a sua terra natal (Brasil) e ganha quanto o brasileiro lhe admira.

dêste fenômeno, que como Brigitte agitou também. a manchetes em tôdas revistas numa demonstração de brasileiro lhe admira.

ver que tanta gente ia partir e novamente recomençaria a luta sem... a Bahia, o Recife, o Amazonas, São Paulo, etc. No São Luiz, posso ter escutado demais, entretanto ouvi sussurros de tristeza, de descobertas, de grande encontros. Até a descoberta de jornalistas.

Assim surgiu a manhã do dia 24 onde o mar e o teatro José de Alencar guardavam as mias belas recordações de um II Festival e de uma VI Jornada Nacional de Cineclubes. Francamente, na minha vida de tantos congressos, nunca tinha visto choro, sim amigos, vi gente chorar.

Jornada, que marcou de modo especial, a integração da juventude no cineclubismo nacional

CINEMA

Calberto Albuquerque

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE E ADEMAR CARVALHAES

Clinette Sampaio (do C.C.F.)

São Paulo esteve representada na VI Jornada Nacional de Cineclubes, que hoje se encerra no Teatro José de Alencar, com 6 representantes, sendo dois da capital e quatro da cidade de Assis. A delegação paulista trouxe para o II Festival do Filme Brasileiro de Curta-Metragem, que se realiza paralelamente à Jornada, o curta-metragem "Do Amor e da Morte", exibido ontem à noite "hours concours". Seu produtor, o crítico paulista A. Carvalhaes, veio à Fortaleza e representa o Centro de Cineclubes de São Paulo e o Foto-Cine Clube Bandeirante, de cujo Departamento Cinematográfico é o diretor.

— "O Bandeirante" — disse Carvalhaes está atualmente num período de efervescência. É o clube de cinema de São Paulo que mais realizações tem feito. No momento, estamos concluindo o curta-metragem "O Pequeno Mundo do Sr. Robô", que não chegou a ficar pronto a tempo de vir concorrer em Fortaleza, daí porque resolvemos trazer um outro filme de nossa produção, este apenas para ser exibido fora de concurso. Nem poderia ser de outra maneira, já que faço parte do júri que irá distribuir os prêmios do Festival e uma cláusula do regulamento impede que produtores de filmes em concurso façam parte do júri".

Informa Carvalhaes que o Bandeirante existe há 28 anos e realiza anualmente dois cursos básicos de cinema, além da produção de curtas-metragens. Este ano, além de "O Pequeno Mundo do Sr. Robô", cuja direção pertence ao próprio entrevistado, dois outros filmes já foram concluídos, só não foram vindos à Fortaleza pelo fato de terem sido realizados em 8 milímetros. Outros dois filmes, em 16 milímetros, estão agora em fase de realização naquele clube.

Um festival de filmes amadores está marcado para setembro e Carvalhaes espera que todos os amadores possam se inscrever, com filmes de 8 e de 16 milímetros,

sem pagamento de taxa e concorrendo a prêmios em espécie. Os interessados podem se dirigir ao Foto-Cine Clube Bandeirante, na rua Avenhandava, 316, São Paulo, Capital.

A. Carvalhaes mostra-se

satisfeito pela maneira como vem se desenrolando a VI Jornada e o II Festival, congratulando-se com os realizadores de ambos os certames. Carvalhaes pretende permanecer mais alguns dias em Fortaleza, fotografando e filmando a cidade, já que é jornalista profissional.



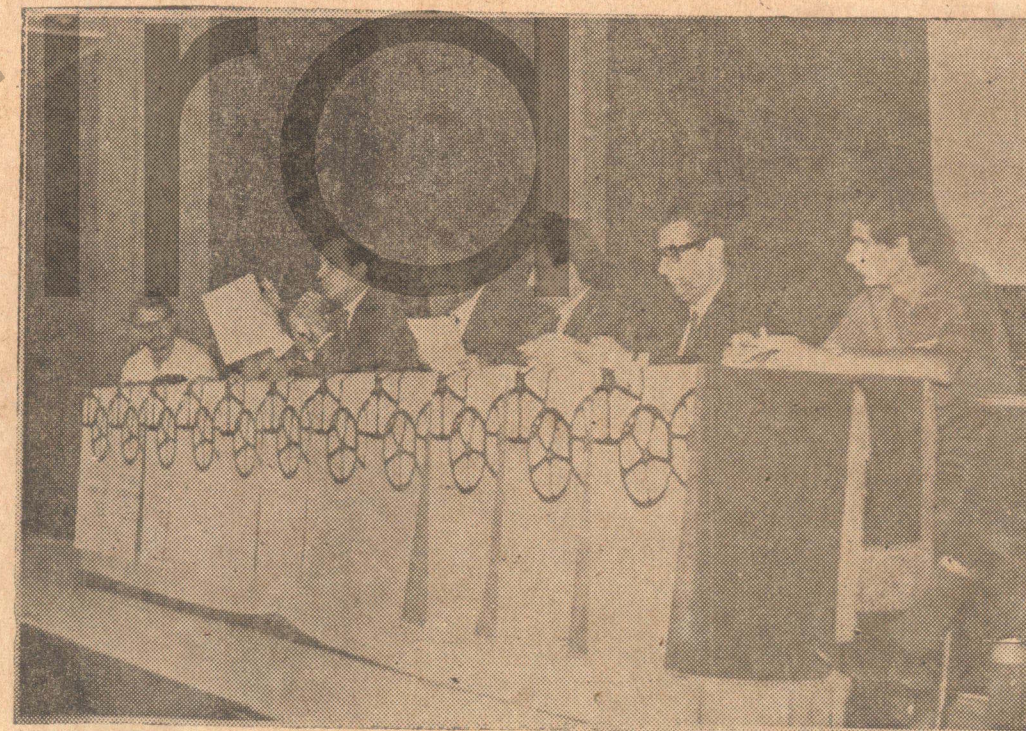
BELEZAS GAUCHAS

O Rio Grande do Sul, além de mandar importantíssima tese sobre a atual importância do cinema junto a escola, mandou também lindas representantes do belo sexo. Na foto uma junção de juventude, beleza e cultura.



A PRATA DA CASA

Ilêda Maria, Calberto, Glauco, Fátima, Sergio Lima e Antônio Maria são os que representam a prata da casa, neste flagrante tomado por ocasião de um "pic-nic" no sítio do sr. Paulo Campos em Maranguape. Aparecem ainda na foto Isabel Peron, representante do cineclube de Assis — São Paulo e Teodora da Federação de cineclubes do Rio de Janeiro



MESA DIRETORA — Eis a mesa que dirigiu os trabalhos da VI Convenção Nacional de Cineclubes. No flagrante aparecem os srs. Eusélio Oliveira (Presidente), Darcy Costa, Olavo Macêdo, Geraldo Pereira dos Santos (Representantes do Ince) e Prof. Pisky chefe da delegação de Assis (S. P.)

O DONO DO "PONTO"

Régis Furtado foi o único cearense a participar com uma película nesse festival nacional de cinema, ora realizado entre nós. Seu filme "O PONTO", recebeu elogio de grande parte da assistência, destacando-se o do crítico paulista Carlos Vieira, um dos grandes da crítica nacional. Filme de pretensão social, crítico o modo de vida de mendigos de boa fé boa fé pública, deixando bem acentuado o aluguel de crianças, a venda do ponto